

OS USOS DOS ESPAÇOS PÚBLICOS: A PRAÇA E SUA DINÂMICA NA CIDADE ATUAL

THE USES OF PUBLIC SPACES: THE SQUARE AND ITS DYNAMICS IN THE CURRENT CITY
LOS USOS DE LOS ESPACIOS PÚBLICOS: LA PLAZA Y SU DINÁMICA EN LA CIUDAD ACTUAL

RESUMO

Introdução: Os Espaços públicos bem projetados podem desempenhar importante papel tanto para a qualidade das cidades como para o bem-estar das pessoas. São muitos os benefícios que estes espaços podem trazer, como sociais, econômicos e ambientais. Ainda que tenham evoluído na forma e função ao longo da história, os espaços públicos foram sempre alvo de análises, pelo fato de serem destinados à inclusão de qualquer indivíduo, independentemente da idade, aspectos sociais, econômicos ou condições físicas. Uma das maiores preocupações das sociedades atuais é garantir aos cidadãos o que é seu por direito: a cidade. Diversas cidades já apresentam uma nova visão sobre essa questão. Rompendo a lógica de um planejamento prático moderno, buscam criar espaços de maior qualidade tanto para seus usuários, quanto para a aparência das cidades, mediante estratégias de desenho urbano e apropriação. Essa é uma realidade que evidencia a tentativa do retorno das tomadas de decisões envolvendo a escala do homem e suas vivências na cidade. Ademais, os espaços públicos são primeiro e simploriamente definidos como locais de encontro entre os diversos grupos que compõem a cena urbana. Os espaços urbanos são também construídos ao longo do tempo. Deste modo, a cidade atual é resultado cumulativo no tempo das outras cidades que existiram. Estes espaços, especialmente as praças, apresentam um *mix* de usos e apropriações; para os indivíduos são espaços para encontros, lazer, manifestações políticas e culturais, dentre elas a manifestação religiosa. **Objetivo:** Perante esse contexto, busca-se compreender os usos e apropriações da praça, como espaço público na dinâmica da cidade de Montes Claros (MG), e das manifestações culturais, especialmente no que tange a Igreja Católica presente na cidade em tela. **Métodos:** A pesquisa de caráter qualitativo utiliza-se como técnicas de cunho documental, a partir da consulta de dados em órgãos públicos e materiais bibliográficos científicos por meio de análise da caracterização de estudos, artigos acadêmicos, científicos, e posteriormente foram feitas visitas a campo que possibilitaram a relação teoria-empíria e registros iconográficos das praças em estudo da referida temática. **Resultados:** São relacionadas no artigo as principais formas de usos dos espaços públicos, sendo estes, as praças e sua dinâmica na cidade contemporânea, cidade esta, Montes Claros no Norte do Estado de Minas Gerais, analisando as praças, um breve histórico, seus usos, as igrejas presentes nestes espaços, suas influências e distintas formas de seus usos. **Conclusão:** Em considerações finais, os espaços públicos: as praças (abordadas neste trabalho) são inseridas nessa lógica da construção capitalista, como foi demonstrado. As praças são apropriadas distintamente pelo Estado, pelo mercado e pelos indivíduos, para estes é espaço de encontros, diálogos e ritos, apresentando assim, suas diferentes e distintas formas de usos pelos mais variados agentes produtores do espaço público urbano da cidade em tela.

Palavras-chave: Espaços Públicos, Cidade, Praça, Cultura, Montes Claros

ABSTRACT

Introduction: Public spaces can well be disclosed as an important role both for the quality of cities and for the well-being of people. There are many benefits that these spaces can bring, such as social, economic and environmental. Although they have evolved in form and function throughout history, public spaces have always been subject to analysis, as they are provided for the inclusion of anyone, regardless of age, social aspects, physical relationships or physical conditions. One of the biggest concerns of today's societies is to guarantee citizens what is rightfully theirs: the city. Several cities already have a new view on this issue. Breaking the logic of modern practical planning, they seek to create spaces of greater quality both for their users and for the appearance of cities, through urban design and

 Ramony Pereira Batista^a
 Carlos Alexandre Bortolo^a

^a Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

DOI: 10.12957/geouerj.2022.51763

Correspondência: bortologeo@yahoo.com.br

Recebido em: 15 jun. 2020
Aceito em: 10 jan. 2022



appropriation objectives. This is a reality that shows an attempt to return to policies involving the scale of man and his experiences in the city. Furthermore, public spaces are first and simply defined as meeting places between the various groups that make up the urban scene. Urban spaces are also built over time. In this way, the current city is the cumulative result over time of the other cities that existed. These spaces, especially as squares, present a mix of uses and appropriations; for the spaces, they are spaces for meetings, leisure, political and cultural manifestations, including religious manifestations. **Objective:** In this context, we seek to understand the uses and appropriations of the square, as a public space in the dynamics of the city of Montes Claros (MG), and cultural manifestations, especially with regard to the Catholic Church present in the city in question. **Methods:** Qualitative research is used as documentary techniques, from data consultation in public agencies and scientific bibliographic materials through analysis of the characterization of studies, academic and scientific articles, and field visits were made optimized which enabled the theory-empirical relationship and iconographic records of the squares under study in the thematic database. **Results:** The main forms of uses of public spaces are listed in the article, these being the squares and their dynamics in the contemporary city, this city, Montes Claros in the North of the State of Minas Gerais, analyzing the squares, a brief history, their uses, the churches present in these spaces, their influences and different forms of their uses. **Conclusion:** In final considerations, public spaces: squares (discussed in this work) are inserted in this logic of capitalist construction, as demonstrated. The squares are distinctly appropriated by the State, the market and individuals, for them it is a space for meetings, dialogues and rites, thus presenting their different and distinct forms of use by the most varied agents that produce the urban public space of the city on screen.

Keywords: Public Spaces, City, Square, Culture, Montes Claros.

RESUMEN

Introducción: Los espacios públicos bien diseñados pueden jugar un papel importante tanto para la calidad de las ciudades como para el bienestar de las personas. Son muchos los beneficios que estos espacios pueden aportar, como sociales, económicos y medioambientales. Aunque han evolucionado en forma y función a lo largo de la historia, los espacios públicos siempre han sido objeto de análisis, ya que están destinados a la inclusión de cualquier individuo, independientemente de su edad, condición social, económica o física. Una de las mayores preocupaciones de las sociedades actuales es garantizar a los ciudadanos lo que les pertenece por derecho: la ciudad. Varias ciudades ya tienen una nueva visión sobre este tema. Rompiendo la lógica de la planificación práctica moderna, buscan crear espacios de mayor calidad tanto para sus usuarios como para la apariencia de las ciudades, a través del diseño urbano y estrategias de apropiación. Esta es una realidad que destaca el intento de volver a la toma de decisiones que involucran la escala del hombre y sus vivencias en la ciudad. Además, los espacios públicos se definen primero y simplemente como lugares de encuentro entre los distintos colectivos que componen la escena urbana. Los espacios urbanos también se construyen con el tiempo. De esta forma, la ciudad actual es el resultado acumulativo en el tiempo de las otras ciudades que existieron. Estos espacios, especialmente las plazas, presentan una mezcla de usos y apropiaciones; para las personas, son espacios de encuentro, esparcimiento, manifestaciones políticas y culturales, incluidas manifestaciones religiosas. **Objetivo:** En este contexto, buscamos comprender los usos y apropiaciones de la plaza, como espacio público en la dinámica de la ciudad de Montes Claros (MG), y manifestaciones culturales, especialmente en lo que se refiere a la Iglesia Católica presente en la ciudad en cuestión. **Métodos:** La investigación cualitativa se utiliza como técnicas documentales, desde la consulta de datos en organismos públicos y materiales bibliográficos científicos pasando por el análisis de la caracterización de estudios, artículos académicos y científicos, y posteriormente se realizaron visitas de campo. Que posibilitaron la relación teórico-empírica e iconográfica. registros de las casillas en estudio del tema referido. **Resultados:** En el artículo se enumeran las principales formas de uso de los espacios públicos, siendo estas las plazas y su dinámica en la ciudad contemporánea, esta ciudad, Montes Claros en el norte del Estado de Minas Gerais, analizando las plazas, una breve historia, sus usos, las iglesias presentes en



estos espacios, sus influencias y las diferentes formas de sus usos. **Conclusión:** En consideraciones finales, los espacios públicos: las plazas (discutidas en este trabajo) se insertan en esta lógica de construcción capitalista, como se demostró. Las plazas son claramente apropiadas por el Estado, el mercado y los particulares, para ellos es un espacio de encuentros, diálogos y ritos, presentando así sus diferentes y distintas formas de uso por parte de los más variados agentes que producen el espacio público urbano de la ciudad en la pantalla.

Palabras-clave: Espacios Públicos, Ciudad, Plaza, Cultura, Montes Claros.



INTRODUÇÃO

As cidades não são formações espaciais recentes. Porém, é na atualidade que se observa a sua dinâmica transformadora presente mundialmente. Tal formação espacial é definida a partir da aglomeração de pessoas, riquezas e culturas, formando um mosaico complexo e plural. A cidade contemporânea é percebida por meio da união de elementos econômicos, sociais, culturais e políticos na relação espaço-temporal. Outro caminho para o entendimento da dinâmica espacial urbana se vincula diretamente às relações estabelecidas entre as cidades da mesma região, ou seja, as relações regionais e/ou com o seu entorno.

As cidades atuais são o resultado cumulativo de todas que a antecederam, materializando tanto no espaço como na paisagem as características das sociedades que a constroem. Para Corrêa (2001), nas cidades são materializados os processos e relações sociais. Nesse sentido, a cidade é produção social, cultural e econômica, ou seja, é produto da sociedade na qual está inserida. Sua organização e representação espacial são reflexas da sociedade que a produz.

Deste modo, na atualidade, o espaço urbano não como espelho, reflete as contradições e conflitos do sistema capitalista: diferença entre as classes, as relações desiguais de poder, dentre outros. Para Carlos (2007), a cidade é como espaço do vivido, do cotidiano; espaço de construção da vida, condição e produto das relações sociais, no qual os indivíduos se apropriam dos lugares e dos símbolos.

A cidade é então a expressão concreta do jogo de interesses dos diversos agentes urbanos, desta forma, os espaços são produzidos e organizados. Neste contexto, os espaços públicos são essencialmente espaços de encontros e marcam a paisagem urbana; ou seja, é parte do desenho urbano e impacta em sua organização social e espacial. No entender de Bortolo (2015) estes espaços nas cidades contemporâneas, além de sua função essencial, são também apropriados pelo mercado imobiliário como elemento de valorização do solo e *status*. As praças são pontos importantes nesse cenário de valorização urbana, especialmente por permitirem múltiplos usos e encontros.

O panorama descrito não é uma exclusividade das metrópoles e seu entorno, salvaguardado as rugosidades está também presente nas cidades médias, como Montes Claros (MG). Deste modo, encontram-se neste espaço urbano os conflitos, contradições e desigualdades, mas também a pluralidade de encontros, manifestações culturais e símbolos presentes em outros espaços. Espaços como as praças são simultaneamente locais de encontros e de valorização fundiária. Destarte, busca-se neste trabalho refletir e compreender a dinâmica da cidade de Montes Claros, os usos dos espaços públicos, especialmente das praças, como locais de encontro, manifestação cultural e religiosa, sobretudo, do catolicismo e também, a valorização imobiliária em virtude da presença destes equipamentos públicos.

Na contramão do esvaziamento do público, as praças apresentam um “*mix*” de usos e encontros, neste trabalho, destacamos um destes pontos, que é aquele feito pela Igreja Católica. Comumente, em frente às Igrejas existem praças, que nos períodos de festas tornam-se extensões do templo. Observa-se que as praças apropriadas pelas manifestações religiosas, mesmo que durante um período do ano, apresentam-se melhor conservadas e conseqüentemente



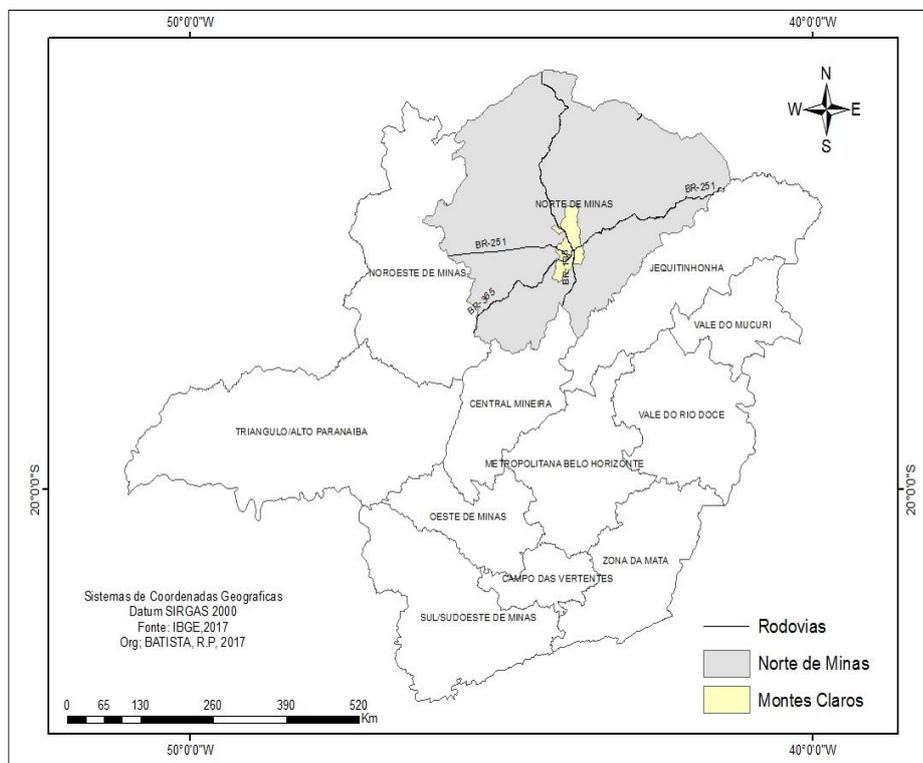
apropriadas pelos indivíduos em outros períodos, concordando com Bortolo (2015) que as praças apropriadas pela população possuem menor chance de serem usadas para crimes e consumo de drogas, estando menos propensas a ação de vândalos. Deste modo, tem-se uma relação entre o espaço da praça e a religião, como será abordada, especialmente na realidade da cidade de Montes Claros.

Diante de tais objetivos adotou-se como metodologia a revisão bibliográfica, para a construção da base teórica e posteriormente foram feitas visitas a campo que possibilitaram a relação teoria-empíria e os registros iconográficos. Salienta-se que no interior destas praças existem diferenças significativas de uso, apropriação, por exemplo, em relação à renda, usuários, localização, etc. Entretanto, esta multiplicidade de usos e significados, abre-se como uma nova possibilidade de compreensão da cidade de Montes Claros, dos seus espaços públicos e da organização socioespacial em outras possibilidades de estudos futuros.

APRESENTANDO A CIDADE DE MONTES CLAROS (MG)

Localizada na porção norte do estado mineiro, Montes Claros constitui-se em uma cidade regional, polarizando o norte de Minas, os Vales do Jequitinhonha e Mucuri e parte do sul da Bahia. Limita-se ao norte com os municípios de São João da Ponte; nordeste, Capitão Enéas; leste, Francisco Sá; sudeste, Juramento e Glaucilândia; ao sul, Bocaiúva; sudoeste, Claro dos Poções; Oeste, São João da Lagoa e Coração de Jesus e a noroeste, Mirabela e Patis (figura 1).

Figura 1. Localização do Município de Montes Claros (MG)



Fonte: BORTOLO, 2015.
Org. Batista, 2017.



Destaca-se que a localização geográfica possibilita a este município ser um importante entroncamento rodoviário, ligando a região sudeste ao nordeste, permitindo também a integração do mercado regional e nacional, consolidando a centralidade de Montes Claros. Para Leite e Pereira (2008, p. 21), “essa centralização exercida por Montes Claros pode ser explicada por sua localização numa região caracterizada por fraco dinamismo econômico e baixo nível de bem-estar social, além do fato de estar distante de outros centros superiores na hierarquia urbana”.

A liderança de Montes Claros na rede urbana do norte de Minas foi construída ao longo de sua história e com incentivos do Estado que foram cruciais para o seu desenvolvimento urbano, social e econômico. Ressalta-se que a compreensão da cidade em tela se faz mediante a compreensão da região na qual está inserida. Por isso, faz-se necessário à contextualização de ocupação do norte mineiro. De acordo com Pereira (2004, p. 17), “o processo histórico de constituição do Norte de Minas inicia-se no século XVI a partir do movimento da expansão da pecuária, do Nordeste em direção ao Sul, ao longo do Rio São Francisco. Também o movimento de bandeiras e paulistas fundou várias fazendas de gado na região”.

Apesar do desenvolvimento apresentado pela cidade, Leite (2004), diz que a “vida” urbana e a ocupação se resumiam ao entorno da Praça Dr. João Chaves, onde se localiza a Igreja Nossa Senhora da Conceição e São José. É no século XX que o desenvolvimento da cidade é impulsionado especialmente por meio da instalação da ferrovia (1926), pela implantação da Companhia Energética de Minas Gerais – CEMIG, e a inserção na área da atuação da Superintendência de Desenvolvimento para o Nordeste – SUDENE.

Para Pereira (2004), a condição de “Capital do Sertão Mineiro” foi reforçada pela “chegada” da ferrovia, “[...] fato que permitiu maior integração da região com outras áreas do território nacional, bem como possibilitou a expansão da produção e uma maior mobilidade da população” (PEREIRA, 2004, p. 18). No entender de Oliveira e Rodrigues (2000), a inserção da cidade na área de abastecimento da empresa de abastecimento de energia Estadual, garante energia confiável e no volume necessário para a indústria. Tal fato os leva a considerar que a explicação para a polarização exercida por esta cidade, está nos períodos anteriores à industrialização.

A inserção de Montes Claros na área da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), na década de 1960, é crucial para seu desenvolvimento econômico e, conseqüente expansão da malha urbana. Oliveira e Rodrigues (2000, p. 28), clarificam o contexto da cidade nesse momento:

[...] a maior densidade populacional e melhores condições de infra-estruturais contribuíram para que o percentual significativo dos investimentos se concentrasse nesta cidade [...]. Outro fato que contribui para a consolidação desta posição foi à relativa distância de Belo Horizonte (e demais centros). O isolamento fez com que Montes Claros se encontrassem quase todos os serviços administrativos descentralizados de âmbito regional [...].

Fato é que os incentivos da SUDENE direcionados para Montes Claros foram investidos, especialmente na industrialização e na criação do distrito industrial, impactando diretamente na organização espacial, econômica e social da cidade supracitada. Leite (2004) alerta para dois pontos: esse desenvolvimento não pode ser entendido separado do



contexto político e econômico nacional, no qual desenvolvimento era igual a crescimento econômico, e que a industrialização de Montes Claros é resultado da intervenção estatal.

A presença da indústria provocou, não somente, o desenvolvimento de outras atividades econômicas como o comércio e serviços, mas também atraiu grande contingente populacional¹. Tais fatores desdobraram-se em expansão territorial, com o surgimento de periferias carentes em infraestrutura e serviços, comuns em grandes centros urbanos.

Salienta-se, desta forma, que a lógica da cidade mercadoria, fatiada e comercializada não é restrita apenas a questões de moradia, mas também insere os espaços públicos. Estes são apropriados pelo mercado imobiliário como, mecanismo de valorização do solo urbano, aumentando a expectativa de renda da terra; pelo Estado como equipamento de uso coletivo e, em períodos eleitorais como moeda de troca; e pelos cidadãos como locais de encontros, de lazer de manifestação cultural, entre elas a religião, como será abordada a seguir.

AS PRAÇAS: *mix* de usos e apropriações

No que tange a produção dos espaços urbanos na atualidade, deve-se ater em análises a partir de suas várias funções que tais espaços desempenham. De acordo com Carlos (1994) a cidade, é parte visível, tangível dos processos e fenômenos; deste modo, a partir desta primeira ideia, pode-se afirmar que, a mesma é formada por um conjunto de elementos entrelaçados em sistemas e funções. Funções estas, que podem ser alteradas de acordo com seus mais distintos usos e agentes no/do cotidiano. Quando se trata da função econômica da cidade, várias são as análises, que podem ser realizadas. Deste modo, considera-se que a formação e organização dos espaços citadinos, em especial aqui, as praças, estas estão para além da análise econômica, mas que representam também, um modo de vida, de perceber e de construir do indivíduo e/ou do seu grupo no urbano. Claramente, não se negligencia que o dinamismo econômico é crucial para o crescimento da malha urbana, mas afirma-se que a compreensão da cidade é perpassada por outras várias funções.

Desta maneira, os espaços urbanos criam e recriam novas formas de organização socioespacial, sendo estas, marcadas pela diferenciação e contradição, não se restringem apenas as moradias, mas também ao acesso a urbanidades e equipamentos de uso coletivo, como as praças. É nesta cidade campo de lutas, jogos de interesses que se encontra o indivíduo com seu cotidiano e necessidades para a reprodução da vida. Para Carlos (2007) e neste contexto que os espaços públicos precisam ser pensados e apropriados.

Os espaços públicos são majoritariamente urbanos, ou seja, sua origem está atrelada a da cidade. Para Santos (2007), é partir destes espaços que se funda um pacto social urbano, no qual os cidadãos são inseridos ou excluídos do

¹ A migração ocorrida neste período para Montes Claros deve ser atrelada às mudanças no campo como a implantação de uma legislação trabalhista rural e as secas constantes (LEITE; PEREIRA, 2008, FRANÇA, 2007; BATISTA, 2017).



cotidiano da cidade. “O espaço público é não só uma consequência desse pacto, mas uma condição para que o pacto aconteça” (SANTOS, 2007, p. 36). Faz-se necessário, abordar que, na contemporaneidade, o acesso a este tipo de espaço, permanece não sendo igual para todos os habitantes, no qual os pobres e ricos são inseridos de modo desigual.

Para Serpa (2004, p. 22), a acessibilidade aos espaços públicos não é apenas uma questão vinculada à renda, mas “[...] está estreitamente vinculada, na demarcação simbólica (e abstrata) à concretude física dos espaços públicos urbanos. Pois, a acessibilidade não é somente física, mas também simbólica, e a apropriação social dos espaços públicos urbanos tem implicações que ultrapassam o *design* físico de ruas, praças [...]”. Deste modo, os espaços públicos refletem a complexidade e a diversidade da cidade em que está inserido (MATOS, 2010).

Os espaços públicos, de acordo com Bortolo, Batista e Ribeiro (2018) devem ser entendidos em toda sua amplitude e magnitude, não apenas na visão antagônica ao privado, e que as transformações sociais interferem nas conceituações e conteúdo do público e do privado. “No contexto do capitalismo, o espaço público é pensado pelo viés do consumo e do lucro, sendo assim, passam a serem elementos de segregação e exclusão social” (BORTOLO; BATISTA; RIBEIRO, 2018, s/p).

As praças² são espaços: livres de edificação e que favorecem os encontros, os diálogos e conflitos, fruto da interação entre os diferentes grupos de indivíduos. A praça é percebida como lócus da coletividade e da produção social, muito em virtude do seu caráter multifuncional e, por vezes democrático, tendo em vista que não há barreiras físicas que impeçam o uso, mas, na atualidade devem ser observadas as barreiras simbólicas que segmentam o uso, como roupas.

A praça representa uma espécie de espaço camaleônico, capaz de se **modificar e se adaptar às transformações das cidades, possibilitando apropriações diversas**. Essa peculiaridade fez com que a praça adquirisse, historicamente, uma diversidade de formas e funções, **sem perder sua essência como espaço coletivo** (CALDEIRA, 2007, p. 14). [grifos nossos]

A praça, como dito anteriormente, é o espaço coletivo, pois permite encontros entre os indivíduos e possibilita a vida social, não deixando de ser um espaço político, na qual os cidadãos se manifestam e dialogam. Sobarzo (2006, p. 94), entende que os espaços públicos como as praças, são marcados pela característica de “possibilitador de encontros impessoais e anônimos e de co-presença dos diferentes grupos sociais” que favorecem com que as pessoas compartilhem o mesmo território, sem, contudo, terem necessidade de se conhecer profundamente (SOBARZO, 2006, p. 94).

Os múltiplos usos das praças possibilita que cada ator urbano se aproprie de modo diferenciado destes locais, tendo em vista que a presença destes equipamentos valorizam as localizações e aumentam a expectativa de lucro da terra. Pontua-se então que, na contemporaneidade o espaço tem sido produzido e reproduzido segundo estratégias cada vez mais elaboradas economicamente, negligenciando-o como local de reprodução da vida e do cotidiano; “[...]”

² De acordo, com Caldeira (2007) as praças não são equipamentos recentes nas cidades, lembrando que as cidades gregas já tinham estes espaços como encontros, diálogos e espaço político, no qual os cidadãos gregos se manifestavam.



revelando o espaço como uma mercadoria especial, já que é nele que a sociedade se materializa e se reproduz” (PADUA, 2018, p. 145).

No interior deste sistema de produção capitalista da cidade está não apenas a moradia, mas os espaços públicos. Estes espaços, normalmente, livre da edificação e com áreas verdes, são pontos singulares de lazer e de bem estar, tendo sua estética baseada na integração entre os espaços construídos e os destinados à circulação e, socialmente relacionada à oferta de lazer e cultura para a população (LOBODA; DE ANGELIS, 2005). Nessa direção, Santos (2008) acrescenta que as construções destes equipamentos públicos são assumidas, cada vez mais, pelo Estado. Entretanto, beneficia não somente a população, mas empresas e mercados imobiliários. Considera-se, que a fragmentação do espaço urbano, acontece com a permissão tácita do Estado. Perante isso, é prudente perguntar: como os cidadãos são inseridos na produção desta cidade e como se apropriam dos espaços públicos como as praças?

Historicamente, as praças são os locais, onde eclodem as manifestações e lutas políticas. As praças, além de marcarem a paisagem urbana, são majoritariamente locais de interação. Mesmo com o crescimento de equipamentos como os Shoppings Centers, sobretudo, para os mais pobres, ela segue sendo o “ponto de encontro”. Para Caldeira (2007, p. 57), “[...] o espaço da praça, apesar de assumir papéis distintos e apresentar uma diversidade morfológica, possui em sua gênese, o caráter de espaço coletivo, lugar da manifestação, de culto e de ritos, propícios à interação social”.

O entendimento dos espaços públicos neste contexto de intervenção urbana estava fadado à extinção, tendo em vista, as características da cidade moderna, na qual o comércio e as trocas comerciais, o lucro esperado da terra e dos produtos imobiliários tem preferência, alteram a noção de público e privado que conduziram muito das vezes ao esvaziamento do público.

ESPAÇO E RELIGIÃO: a apropriação das praças pela Igreja Católica em Montes Claros (MG).

Na origem da cidade está a religião, a presença da Igreja em Montes Claros marca a história de sua ocupação, como foi exposto anteriormente. A relação entre espaço e religião não se restringe a questão histórica da ocupação e ao surgimento da cidade, mas está no modo como o indivíduo produz e vive na cidade. O fenômeno religioso é parte da cultura social intriga e inquieta os homens, deste modo, a cultura, especificamente, a religião é inerente ao homem, porém, cabe ao homem adaptar-se a ela e, por vezes, transforma-la.

A religião marca a paisagem e o espaço das cidades, como os templos e os símbolos católicos, nas casas, estas se transformam em Igrejas domésticas. Entretanto, as sutilezas dessas marcas da paisagem passam, quase sempre despercebidas aos fiéis, sendo comum o maior destaque as peregrinações, pois estas envolvem grandes templos e rotas.

A religião condiciona esses aspectos da vida, indicando quais forças determinam o sucesso das culturas e dando uma dimensão ritual aos gestos técnicos (CLAVAL, 1992).

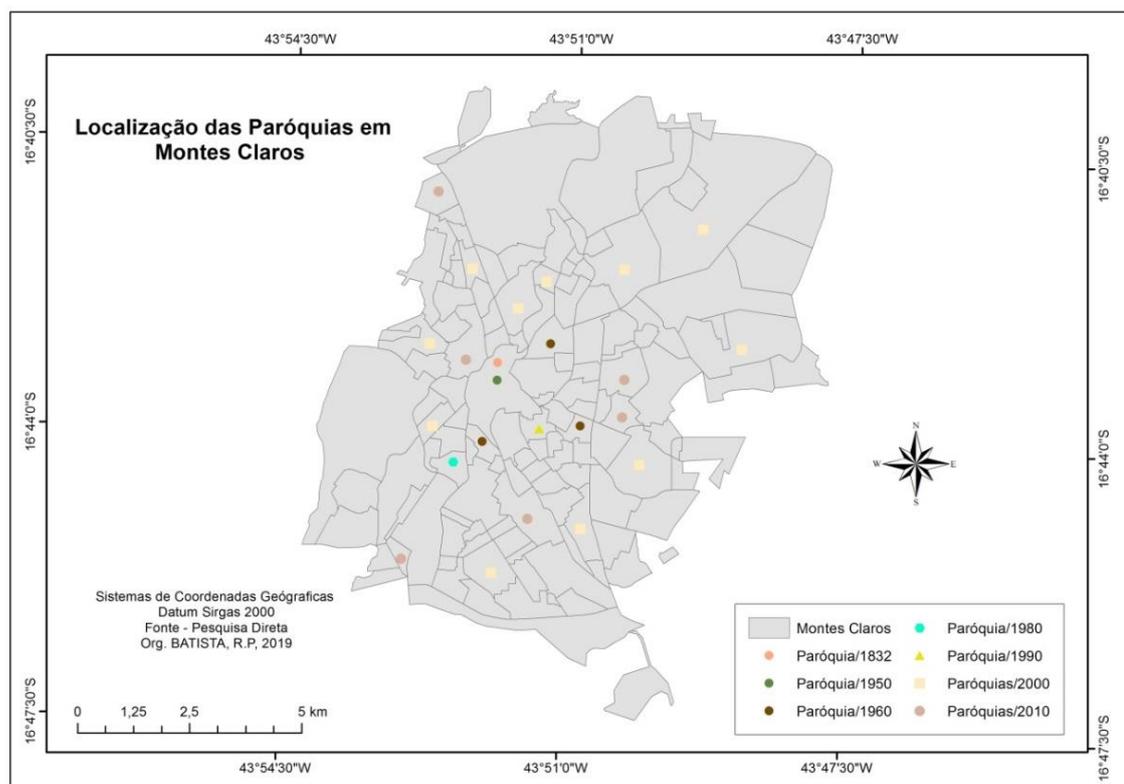
A produção do espaço urbano se dá por diversos fatores: econômicos, políticos, culturais e religiosos; as construções são moldadas e realizadas pela ideia da sociedade, por seus processos e formas, pela autoridade e pelas crenças.

Assim, destaca-se que a cidade em questão não é um centro de peregrinação, uma cidade-santuário esta relação: espaço sagrado e espaço profano, também podem ser observados, como por exemplo, a Igreja (espaço sagrado) e a praça (espaço profano), abordadas nesse trabalho. Como dito, este trabalho discute a relação dos agentes urbanos, com ênfase no papel dos indivíduos e do catolicismo com os espaços públicos: as praças, que serão apresentadas e analisadas.

Como explicitado anteriormente, o aumento no número de residentes na cidade não somente alterou o dinamismo deste espaço, mas gerou novas demandas por espaço – crescimento da malha urbana -, por moradias e por áreas de lazer e cultura. Gerou também para a Igreja a necessidade de construção de novos templos, objetivando ser presença também em áreas periféricas. A partir do que foi exposto acerca da organização da Igreja, formam-se os territórios paroquiais.

Perante as conceituações expostas, o figura 2 deixa evidente a distribuição das sedes paroquiais na cidade de Montes Claros.

Figura 2. Localização das Paróquias em Montes Claros (MG)



Fonte: Pesquisa direta, 2019
Org. BATISTA, 2019

Infere-se a partir do mapa, que as sedes das paróquias são concentradas nas áreas centrais e historicamente onde se iniciou o processo de evangelização da cidade em tela. Como informado, a atual Paróquia Nossa Senhora da Conceição e São José – conhecida como Igreja Matriz- é o primeiro templo construído em Montes Claros, em seu entorno estão a Praça Dr. João Chaves, o Centro Cultural Hermes de Paula e a Primeira Residência Episcopal, como pode ser visto na figura 3.

Figura 3. Igreja Nossa Senhora da Conceição e São José e Praça Dr. João Chaves (Montes Claros – MG)



Fonte: Autor, 2020

A capela Nossa Senhora da Conceição e São José teve sua construção iniciada no ano de 1769, sendo elevada a Paróquia em 1832. O conjunto, popularmente conhecido como Praça da Matriz, localiza-se na área central de Montes Claros, representando para os indivíduos um momento de pausa e descanso no cotidiano da vida da cidade. Outro aspecto importante é a arborização e a conservação do mobiliário, permitindo que os frequentadores permaneçam por mais tempo, como retrata as figuras 04. Entretanto, a pouca iluminação restringe a presença durante o período noturno.

Figura 4. Igreja Nossa Senhora da Conceição e São José e Praça Dr. João Chaves



Fonte: Autor, 2020

Durante a festa dos padroeiros, Nossa Senhora da Conceição e São José, nos meses de Março e Dezembro, e as celebrações, como: Corpus Christi, a Praça Dr. Chaves torna-se uma extensão do templo, para que os fieis celebrem e façam suas práticas devocionais, retratadas na figura 5.

Figura 5. Celebração na Igreja Nossa Senhora da Conceição e São José



Fonte: Autor, 2020

Ressalta-se que as práticas devocionais como as novenas e procissões, são características do catolicismo português que os brasileiros herdaram, as quais aproximam e colocam em constante interação os espaços sagrados e profanos.

A Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida, criada em 1950, é a Igreja “mãe” da Arquidiocese, localiza-se também na área central. Assim, como na matriz, no período da Festa em honra a Nossa Senhora Aparecida, a Praça Pio X transforma-se não apenas na extensão da Igreja, mas em local de encontro, confraternização e shows, em virtude das tradicionais “barraquinhas”. Deste modo, não é apenas frequentado pelos fieis.

Figura 6. Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Autor, 2020

Salienta-se que, a Praça Pio X, no dia a dia, é local marcado pela circulação dos indivíduos, devido a presença de mobiliários, como bancos e a arborização, a permanência dos frequentadores é dificultada. Outra Igreja importante para a história da manifestação religiosa católica desta cidade é a Capela do Nosso Senhor do Bonfim. Esta capela foi inaugurada no ano de 1886, sendo fruto da devoção de uma fiel que angariou doações para a construção (PMMC, 2019). Destaca-se que na história do catolicismo brasileiro essas práticas eram constantes, muitas vezes associada ao cumprimento de promessas, em virtude de graças alcançadas. Esta igreja passou por diversas reformas, mas permanece com tamanho e características de sua época, conforme a figura 7.

Figura 7. Igreja Nosso Senhor do Bonfim



Fonte: Autor, 2020

Ressalta-se que esta capela, de acordo com a Prefeitura Municipal de Montes Claros (PMMC, 219), localiza-se numa área ocupada pela população de baixa renda, conhecida como “Morrinhos”, o nome faz menção ao fato da área ser mais elevada em relação ao restante da cidade. Pontua-se que, durante um tempo, as festas do padroeiro não aconteceram, em virtude, dos altos índices de criminalidade e do tráfico de drogas. Quando as festas ou casamentos acontecem na capelinha, ocupam a Praça dos Morrinhos para a confraternização entre os indivíduos.

Assim, como a Capela do Senhor do Bonfim, a atual Capela dedicada ao Senhor Bom Jesus, também foi construída pela ação dos fiéis, em 1919. Esta capela pertence atualmente a Paróquia da Catedral Nossa Senhora Aparecida. Sua localização está no limite entre a área central, e aos bairros pericentrais da cidade de Montes Claros, numa importante via de circulação tanto para pedestres, como para veículos; e a Praça Senhor Bom Jesus abriga pontos de parada de ônibus e alguns comércios ambulantes. Na figura 8 abaixo podemos identificar tal capela e seus equipamentos da praça.

Figura 8. Capela dedicada ao Senhor Bom Jesus (Montes Claros – MG).



Fonte: autor, 2019

Atenta-se a partir da figura 8 para a importância da arborização das praças para a permanência dos cidadãos. Nesse caso, mesmo com bancos as poucas árvores não são suficientes para um longo tempo de permanência dos indivíduos durante o dia; o contrário acontece no período noturno devido a iluminação e as atividades da Igreja Católica, especialmente no mês de Agosto, durante a novena e festa do Senhor Bom Jesus.

Concorda-se com Caldeira (2007) que as praças são elementos estruturantes da cidade, marcando sua paisagem e sendo um contraponto entre as áreas densamente edificadas e as livres de edificações. Os espaços urbanos são resultados da intervenção dos agentes urbanos, no qual o cenário urbano é entendido pela ótica da ordem espacial e funcional. As praças são essencialmente o lócus da coletividade, da manifestação cultural e do rito. Observa-se que nas áreas periféricas as praças são espaços importantes de lazer e atividades esportivas para a população e permanece, mesmo que temporariamente, como extensão da Igreja.

A Igreja dedicada a São José Operário localiza-se região norte de Montes Claros, de acordo com Batista (2017), é uma área heterogênea, mas com predominância de população de baixa renda. A paróquia foi criada no ano de 2013, porém, as atividades antecedem esse período, sendo importante não apenas para o culto, mas para a vida social daquela localidade. A figura 9 apresenta a Igreja (templo) que está inserida na da Praça São José Operário.

Figura 9. Igreja São José Operário



Fonte: autor, 2020

Salienta-se a partir da figura 9 a Igreja que é parte da Praça São José Operário, sua presença é crucial para a manutenção da praça e dos equipamentos. A partir da figura 10, concorda-se com (ROSENDAHL, 2018) que as paróquias urbanas são responsáveis pela criação de novas devoções e novos espaços sagrados. A Igreja ao levar o culto, as celebrações para as praças fazem daquela praça, mesmo que temporariamente, um local sagrado.

Figura 10. Celebrações na Praça São José Operário



Fonte: Paróquia São José Operário, 2019.

A partir da figura 10, afirma-se que o espaço sagrado é fruto da experiência do homem com o sagrado, para Rosendahl, “na realidade, o ritual pelo qual **o homem sacraliza o espaço** é eficiente à medida que ele reproduz as obras dos deuses. **As estruturas simbólicas resultantes são definidas e caracterizadas pela cultura do grupo envolvido**” (ROSENDAHL, 2018, p. 80).

De acordo com Hoonart (1979), o catolicismo brasileiro é marcado pelas devoções à Virgem Maria. Influenciado pelos movimentos missionários que acontecem no Brasil desde a chegada dos portugueses. Esta devoção é notada no território da Arquidiocese de Montes Claros, pelas muitas capelas dedicadas a esta santa “Mãe de Deus”, como a Paróquia Nossa Senhora Rosa Mística, criado no ano de 2002. A igreja citada localiza-se na região sudoeste de Montes Claros, que conforme Batista (2017), é uma das regiões com maior poder aquisitivo. Observa-se nas figuras 11 e 12, a praça e a Igreja formando um único conjunto arquitetônico nas imagens.

Figura 11. Igreja Nossa Senhora Rosa Mística



Fonte: autor, 2020

Figura 12. Praça Nossa Senhora Rosa Mística



Fonte: Autor, 2020

A partir das figuras apresentadas, considera-se que as praças são equipamento de usos diversos no espaço da cidade, a Praça da Igreja Rosa Mística, exemplifica-se isto. No cotidiano, é o espaço do lazer e dos encontros, possibilitados, especialmente, pela diversidade dos equipamentos e a manutenção dos mesmos. Destaca-se a arborização e a iluminação que favorece a presença dos indivíduos. Como as demais praças, no período da Trezena a Nossa Senhora Mística, a praça é a extensão do templo que abriga os fiéis para as práticas religiosas.

Diante do exposto, reafirma-se que a prática religiosa juntamente com a intervenção do Estado e dos agentes imobiliários constrói a cena urbana, em conformidade com seus respectivos interesses. A cidade é assim, um espaço complexo, plural e por vezes, desigual. No qual, o uso do espaço público está em constante transformação, e carrega os traços do modo de vida urbano atual no cenário do capitalismo, muitos destes espaços, perdem o caráter democrático e assumem, contrariamente, a desigualdade e a segregação socioespacial. Essas práticas religiosas o marcam fortemente a partir dos aspectos culturais, valores e símbolos dos grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil está estampado em cidades, assim, a observação e análise deste passo, permite ao pesquisador, minimamente intuir os processos que deram origem à complexidade do espaço urbano. A religião é historicamente parte da formação territorial do Brasil, deste modo, e catolicismo e suas devoções são constantes na ocupação deste território, sendo os símbolos da fé católica também os símbolos das conquistas portuguesas.

No Brasil moderno e urbano, as análises acerca da religião como elemento construtor da cidade, foram em partes negligenciadas, diante das facetas e fenômenos de uma urbanização capitalista. A cidade é então resultado dos jogos de interesses entre o Estado, o mercado imobiliário e os cidadãos. Numa sociedade marcada pela desigualdade e contradição, próprias do sistema capitalista, os espaços e as paisagens são a materialização destas.



Os espaços públicos: as praças (abordadas neste trabalho) são inseridas nessa lógica de construção capitalista, como foi demonstrado. As praças são apropriadas distintamente pelo Estado, pelo mercado e pelos indivíduos, para estes é espaço de encontros, diálogos e ritos.

A cidade de Montes Claros, localizada no norte de Minas Gerais, não fica à margem deste cenário. Assim, observam-se em seu espaço, salvaguardado as singularidades, as mesmas características dos grandes centros urbanos. O início de sua ocupação marcada pela construção da Capela Nossa Senhora da Conceição e São José, desdobra-se numa cultural singular, que marca o uso de suas praças pela prática religiosa.

Diante do contexto apresentado neste trabalho, pontua-se que: a cidade supracitada também tem seus espaços transformados em mercadorias e passíveis de comercialização e lucros; os espaços públicos são englobados nessa lógica, quando apropriados pelo mercado imobiliário reforçam a segregação socioespacial; pelo Estado tem duplo papel, de equipamento de uso coletivo, para o bem estar da população e o de moeda de troca durante o período eleitoral; pelos indivíduos é, por excelência, o espaço de lazer, prática esportiva e de manifestação cultural, especialmente a religiosa. Considera-se que a presença e ocupação das praças pela Igreja favorece a conservação da praça bem como dos equipamentos mobiliários; durante o período das festas e celebrações transmutam-se em espaços sagrados: sacralizados pela experiência do homem com o sagrado. Por fim, afirma-se que este trabalho não objetiva concluir os debates acerca desta temática, contrariamente, pretende-se ampliar as possibilidades de diálogos e análises sobre a cidade de Montes Claros, para que ela seja cada vez mais plural e menos desigual.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, R. P. **Segregação Socioespacial e a Paisagem Urbana: um estudo da cidade de Montes Claros (MG)**. Dissertação de Mestrado em Geografia – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES, Montes Claros, 2017.
- BORTOLO, C. A de. **A Dinâmica dos Espaços Públicos de Lazer em Cidades da Aglomeração Urbana de Londrina – PR**. Tese de Doutorado em Geografia. Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá. 2015.
- BORTOLO, C.A de; BATISTA, R.P; RIBEIRO, B.S. **Espaços públicos e paisagem urbana: breves apontamentos sobre uso e apropriações das praças**. Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, Montes Claros, 2018.
- CALDEIRA, J. M. A **Praça Brasileira – trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade**. Tese de doutorado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Universidade Estadual de Campina. Campinas, 2007.
- CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 2ªed. Contexto, São Paulo, 1994.
- CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano: novos escritos sobre a Cidade**. FFLCH, São Paulo: 2007.
- CLAVAL, P. Le thème de la religion dans les études géographiques. **Géographie et cultures**. nº2, Junho, 1992. pp 1-25.
- CORRÊA, R.L. **Trajetórias Geográficas**. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- LEITE, M. E; PEREIRA, A. M. **Metamorfose do Espaço Intra-urbano de Montes Claros**. Montes Claros, Unimontes, 2008.
- LOBODA, C. R; DE ANGELIS, B. L. Áreas Verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. **Revista Ambiência**, v.1, n.1, 2005. pp 125-139.
- MATOS, F. L de. Espaços Públicos e qualidade de vida nas cidades – o caso da cidade Porto. **OBSERVATORIUM: revista eletrônica de Geografia**. nº 4, v. 2, 2010. pp 17-33.



OLIVEIRA, M. F. M de; RODRIGUES, L. **Formação Social e Econômica do Norte de Minas**. Unimontes, Montes Claros, 2000.

PADUA, R. F. de. Produção Estratégica do Espaço e os “novos produtos imobiliários”. In CARLOS, A. F.A; VOLOCHKO, D; ALVAREZ, I. P. (org.). **A cidade como Negócio**. Contexto, São Paulo, 2018. pp 145-164.

PEREIRA, A. M. A urbanização no Sertão Norte Mineiro: algumas reflexões. In PEREIRA, A. M; ALMEIDA, M. I. S de (org.). **Leituras Geográficas sobre o Norte de Minas Gerais**. Unimontes, Montes Claros, 2004.

ROSENDAHL, Z. Espaço, o sagrado e o profano. In: **Uma procissão na geografia** (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, p.

SANTOS, M. **Manual da Geografia Urbana**. 3ªed. Edusp, São Paulo, 2008.

SANTOS, A. N.G. **Espaço Público, imagem da cidade – uma análise geográfica do filme de Eric Hrohmer (“o signo do leão”, França, 1959)**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

SERPA, A. Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. **Revista GEOUSP – Espaço e tempo**. nº 15. São Paulo, 2004. pp 21-37.

SOBARZO, O. A. **Os Espaços da Sociabilidade Segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente**. Tese de doutorado em Geografia. Universidade Estadual Paulista/ Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente (SP): 2006.